

**Ironia e genealogia em *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar**  
Irony and genealogy in the strange nation of Rafael Mendes, by Moacyr Scliar

Glauber Pereira Quintão\*

**Resumo:** A ironia tem, no romance, a capacidade de promover a desconstrução das hierarquias, impedindo a linearidade e a concepção histórica de progresso. Este artigo analisa como a ironia, a partir da idéia de “acontecimento” e “cena”, de Linda Hutcheon, seria inerente ao conceito moderno de genealogia, que questiona a crença em uma origem absoluta, no romance *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar.

**Palavras-chave:** Moacyr Scliar. Ironia. Genealogia.

**Abstract:** In the novel *A estranha nação de Rafael Mendes*, by Moacyr Scliar, the irony is able to promote the deconstruction of the hierarchy which impedes the linearity and historic conception of progress. This article analyzes how irony would be inherent to the modern concept of genealogy from the idea of “happening” and “scene” by Linda Hutcheon. This concept questions the belief at an absolute origin on the Scliar text.

**Keywords:** Moacyr Scliar. Irony. Genealogy.

À falta de soluções, fantasias; à falta de respostas,  
imaginárias possibilidades.

Moacyr Scliar

Para D. C. Muecke, conforme se lê em *Ironia e o Irônico*, o fato de o termo *ironia* advir do grego não quer dizer que o fenômeno seja uma invenção grega, haveria, segundo o autor, exemplos de ironia na Bíblia Hebraica, especialmente no *Êxodo* (MUECKE, 1995, p. 30). Tal fenômeno é entendido, pelo estudioso, como a diferença entre o acontecimento e o termo que o designa. A partir daí, Muecke constrói uma pequena história do conceito de ironia. Esta teria assumido formas diversas em culturas e períodos distintos sem que assim fosse denominada, podendo, no entanto, ser reconhecida como tal, tendo-se em vista alguns significados que o termo teria adquirido.

Conquanto admita a possibilidade da dispersão do fenômeno da ironia, o que minaria uma história precisa ou definitiva, ao construir a história desse conceito, Muecke o coloca em termos de uma evolução. Mas se se toma o cuidado de ouvir a ironia, isto é, de tirar-lhe as últimas conseqüências, o que é que se aprende? Que não deve haver propriamente uma evolução histórica, senão como imposição da cultura hegemônica; que não poderia ter havido um começo absoluto ao qual o olhar de algum historiador pudesse remontar, daí o seu desenvolvimento rumo à maior evolução e distanciamento do que poderia ser visto como um ponto primeiro. Ao contrário, no romance *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar, em um sentido muito especial, a ironia confronta-se com a idéia de evolução. Isso acontece, porque ela promove a desconstrução das hierarquias, impedindo a linearidade e a concepção histórica de progresso.

A literatura, a contemporânea em especial, possui uma competência peculiar para lidar com a ironia em sua riqueza estratégica e desconstrutora. Uma concepção contemporânea de ironia articula-se, neste artigo, com o de genealogia, conforme seja possível forjá-lo a partir do romance de Scliar.

Não se pretende, todavia, discutir amplamente o conceito de ironia, mas, numa perspectiva enciclopédica (Cf. ECO, 1932, p. 316-41), a partir do estudo do termo realizado por Linda Hutcheon, entender um “acontecimento” irônico, isto é, um fenômeno específico que depende da comunidade discursiva, do contexto, das relações de poder, da interpretação, enfim, do que Hutcheon chama de

“cena” da ironia. Por isso, a abordagem que aqui se faz encontra-se localizada em *A estranha nação de Rafael Mendes* e sua primeira especificidade consiste em confrontar um possível conceito de genealogia presente no romance de Scliar com o de ironia.

Num primeiro momento, será necessário partir de uma definição de genealogia no sentido que aqui se chamará de tradicional. Em seguida, conforme se possa, buscar-se-á um conceito contemporâneo de genealogia, o que se dará não como definição fechada, mas como um termo ainda a se construir, no qual a ironia está intimamente implicada. A chave mestra da leitura desse romance, portanto, é o personagem genealogista e sua interface com o leitor.

A genealogia seria, assim, “o estudo que tem por objeto estabelecer a origem de um indivíduo ou de uma família” (HOUAISS, 2001) ou o diagrama, resultado desse estudo, comumente uma “árvore”, que expõe cronológica e linearmente a disposição dos indivíduos pertencentes a uma linhagem. É característico que ela busque recolher o ponto do qual um *continuum* (Cf. FOUCAULT, 2005, p. 278-9) desembocou no último dos descendentes de uma linha hereditária. A origem seria, nesse sentido, um espaço supra-histórico situado fora da esfera erodente do tempo.

A “árvore”, resultante do estudo genealógico, descreveria a estrutura real de uma família, apresentando-se como única e rígida, a partir de uma estrutura dogmática. Entre os ramos mais altos ou mais baixos são distribuídos os nomes mais ou menos antigos e/ou nobres. Para essa árvore, haveria uma única via de se concebê-la, isto é, para além de qualquer perspectiva diversa. A verdade desse construto seria a partir de baixo, em progresso, até os ramos mais altos. A árvore, conforme sugere Umberto Eco em “O antiporfírio”, e a propósito das árvores esquemáticas lógico-metafísicas de Aristóteles e Porfírio e de uma teoria semântica “forte”, guardaria homologia com a estrutura da realidade. Entrecruza-se, com essa formatação, a concepção de História como descrição fiel da realidade dos fatos, de modo linear, objetivo, definitivo – fora, pois, de qualquer ângulo divergente.

Todo relato, no entanto, configura-se como um recorte, um olhar perspectivo, no sentido de que uma narrativa sempre fala a partir de um contexto. Tanto quanto a história tradicional, a genealogia, pela sua pretensão de ser objetiva e definitiva, de remontar ao passado familiar tal qual ele se deu, teria uma ilusão de possuir um olhar supra-histórico, que contemplaria os fatos de fora do mundo. Sendo assim, não seria, esse ponto-de-vista, a partir de qual se põe a narrar, ou descrever, ou classificar, determinado ou limitado pelas circunstâncias e interesses.

O espaço da genealogia tradicional, por colocar-se como supra-histórico, seria configurado em um espaço utópico, fora do horizonte de corrosão temporal, pretensamente intocável pela ironia, um lugar liso e fechado, binário, comportando essências e impondo-se pela forma solene com que faz entender a antiguidade; reunindo de mãos dadas e mirando-se reciprocamente, personagens dispersos, desproporcionais, díspares, mas, então, aparentados, identificados, devedores ou credores da primeira paternidade que inaugurou a sua linha parental de forma eidética; aceitando apenas a lógica do puro/impuro, nobre/não-nobre; declarando um solo seguro em que cresceria, de forma robusta, a “árvore” genealógica com sua hierarquia unidirecional e definitiva (ECO, 1989, p. 316-41). Tal espaço pretenderia, pois, ser um “berço” da verdade. Esse tipo de estudo genealógico tradicional visa à “origem” num sentido muito próximo do conceito de *Ursprung* origem, que Michel Foucault (2005, p. 260-4) elabora a partir de seu uso por Nietzsche:

(...) a pesquisa nesse sentido se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo. Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a

si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira. (FOUCAULT, 2005, p. 262)

O romance *A estranha nação de Rafael Mendes*, 1983, de Moacyr Scliar, traz em sua trama, a busca da genealogia, da ascendência dos Mendes. Essa busca trança História e ficção, reinventando a mitologia familiar dos personagens, penetrando nas lacunas, dando novas perspectivas, contornos e fazendo aparecer novos personagens. O descobrimento do Brasil e a Revolução Farroupilha, por exemplo, são contados sob um outro viés, no qual se destacam personagens judeus, tantas vezes negligenciados e excluídos pelo ideal homogeneizante subjacente à história oficial. Em estudo sobre a busca ficcional de genealogias judaicas presentes em escritores latino-americanos, Lyslei Nascimento ressalta o caráter híbrido dessas narrativas, dentre as quais localiza o romance de Scliar em questão. Segundo Nascimento, tal caráter se dá porque as narrativas se valem do discurso histórico “mas, ao mesmo tempo, apropriando-se desse registro, falseiam, forjam e promovem uma releitura crítica e ficcional do passado” (NASCIMENTO, 1999, p. 283). Esses elementos ficcionais na narrativa genealógica apresentada em *A estranha nação de Rafael Mendes* demonstram que são possíveis outras versões da História, bem como questionam a concepção de um passado absoluto e objetivamente recuperável:

Porque a História não está ausente no texto, ela se mescla ao contorno ficcional que, apesar de recompor o passado, não o faz com a intenção de recuperar os fatos tal como aconteceram, mas contaminá-los com a inusitada interferência dos elementos ficcionais que desconstruem a autoritária escrita que se quer verdade absoluta, incontestável e sem lacunas (NASCIMENTO, 1999, p. 288).

Percebe-se, a partir da reflexão acima, que na composição da releitura crítica realizada pelo romance, a ironia exerce um papel importante, sendo uma arma poderosa no confronto com a história oficial. De acordo com Fischer, ela seria “um instrumento para reconhecer complexidade, um meio de expor ou subverter ideologias hegemônicas opressivas (...)” (Citado por HUTCHEON, 2000, p. 49).

A genealogia presente no romance, ao proceder dessa forma em relação à História, afasta-se dos pressupostos da genealogia tradicional e, conseqüentemente, não se alia à lógica supra-histórica, cujas três características operantes seriam: 1) a origem concebida como guardiã da pureza, da essência, da solenidade; 2) a identidade como resguardada num *continuum* inabalável e totalmente recolhida em si mesma; 3) e a objetividade que a tornaria habilitada a dizer a verdade (FOUCAULT, 2005, p. 277). Afinal, à semelhança do método de investigação histórico-filosófico foucaulteano, a genealogia construída no romance ganha contornos paródicos, irônicos e desconstrutores em relação à questão da origem; nega a possibilidade de se encontrar uma identidade definitiva através de sua dissociação sistemática; e, ainda, recorre aos bastidores da ficção e da fantasia – com as quais a história se cruza necessariamente – destituindo-a de sua autoridade.

De acordo com Linda Hutcheon, as arestas da ironia conferem à paródia sua dimensão crítica “ao marcar a diferença no coração da similaridade” (HUTCHEON, 2000, p. 19). As arestas são avaliadoras: embora a ironia provoque instabilidade na linguagem e nas concepções de mundo e, nesse sentido ela é de imediata compreensão e de difícil delimitação, por outro lado, ela produz efeitos imediatos que ressoam naquele que a interpreta, assim como uma piada tem suas ressonâncias para além da consciência dos seus mecanismos de ação (guardem-se as desproporções). Desse modo, a ironia presente no romance de Scliar produz efeitos diversos, não somente o riso (pois mesmo quando este aparece não se trata de nenhuma gargalhada, senão de um riso, poderíamos dizer, introspectivo). Produz, ainda, estados reflexivos, perplexos, desconcertantes.

A ironia sempre possui um alvo, conforme afirma Hutcheon, e, no romance *A estranha nação de Rafael Mendes*, o alvo é a genealogia e a História em seus sentidos tradicionais conforme pretendam possuir uma estrutura rígida, única e homóloga à estrutura da realidade, pois sob a máscara dessa neutralidade objetiva residiria um interesse, uma conivência, uma negligência, uns olhos se fechando para aquilo que deveriam repudiar. Essa concepção bélica da ironia possui grande afinidade com o conceito de genealogia na perspectiva do romance de Scliar. Contudo, há que se levar em consideração que o alvo não é comumente declarado de forma aberta, podendo ser, ao contrário, extremamente sutil. Devem-se admitir outras possibilidades de ação da ironia para abandonar ou para não ficar apenas com a antiga concepção que a define como “dizer o contrário daquilo que se deseja fazer entender”. A idéia de que a ironia deve produzir efeitos diversos como meio de desconstruir estereótipos que já se cristalizavam, redimensiona o sentido comum dado ao termo que, como um princípio ígneo, recoloca em movimento as fantasias de poder já petrificadas. A concepção bélica de ironia em Scliar atua com uma “munição”, ou seja, todas as estratégias para atacar de forma sutil, leve e despercebida quanto possível, a cristalização de verdades pré-estabelecidas. O riso é, sem dúvida, uma das munições mais preciosas e mais precisas com que o romance *A estranha nação de Rafael Mendes* é construído.

No romance, narra-se a história de Rafael Mendes, funcionário de uma financeira que está prestes a falir. Não somente a empresa é responsável pela agonia que lhe tira o sossego, também as solicitações de sua esposa, muito preocupada com a filha. Em meio a essa situação conturbada, Rafael Mendes recebe uma caixa misteriosa na qual encontra livros de História e um folheto no qual se lia: “A genealogia é uma ciência positiva. Quem foi seu pai? Quem foi seu avô? Os antepassados determinam a nossa sorte – os vivos serão sempre e cada vez mais governados pelos mortos” (SCLIAR, 1983, p. 42). No verso do folheto, um bilhete: “Prezado Sr. Rafael Mendes. Estas coisas pertenceram a seu pai. (...) Favor entrar em contato comigo” (SCLIAR, p. 42). Rafael Mendes, muitas vezes, inquirira sua mãe pelo paradeiro do pai no afã de descobrir sua origem, recebendo em retorno, no entanto, palavras lacônicas e mentirosas. Em outras, interrogara o velho bacteriologista Cuvier de Souza, amigo de seu pai, que também era evasivo.

Quando Rafael Mendes leu aquele bilhete, contudo, pensou que finalmente responderia suas questões e findaria com suas ânsias a respeito de seu pai (e, portanto, de sua origem), ainda que o recado fosse de Samar-Kand, que, além de genealogista, lidava com quiromancia, grafologia, astrologia, frenologia, radiestesia e prometia, em troca de dólares, toda sorte de milagres para sanar os desesperados. Samar-Kand, o genealogista, é um personagem curioso: logo na introdução do romance, o leitor é levado a acessar os pensamentos do velho que está deitado há horas, mas acordado, entre objetos diversos, farelos e restos de comida que ali caíram há dias, semanas. Sob suas cobertas nojentas seu dilema é se se levanta ou não para esvaziar a bexiga. Na cama, imagina-se em um barco em que encontraria um *kit* de sobrevivência se houvesse uma enchente repentina. Não há como ler essas linhas esdrúxulas sem que se o imagine como um inseto kafkiano, paralisado e aprisionado pelo que se tornou extremamente cotidiano, reduzido a uma condição subumana e insular. Ele pensa: “Para quem estou falando? Para Deus? Não sei. Não sei com quem falo, mas falo com autoridade: sou um homem culto, historiador” (SCLIAR, p. 7).

Velho e cansado, o próprio genealogista se apresenta como historiador. De aspecto repugnante, ganancioso, ele representa uma farsa. Seria ele uma representação de um historiador tradicional a quem se dirige uma crítica frontal, como se se dissesse que a história oficial é escrita por esse tipo de personagem sem faro para rejeitar o que é repugnante – e que se esconderia atrás de sua máscara de objetividade? Tal como Samar-Kand diz de si próprio, haveria uma grande erudição envolvendo os historiadores. Entretanto, sua cultura livresca o tornou ilhado em sua própria cama (ou em si mesmo com sua erudição), em extrema falta de tato para com o mundo: “O historiador é insensível a todos os nojos: ou melhor, ele tem prazer com aquilo que o coração deveria afastar” (FOUCAULT, 2005, p.275).

Os farelos e restos de comidas com os quais convive indiferentemente Samar-Kand são metáforas das violências e conflitos diante dos quais o historiador diz lançar o seu olhar objetivo, aos quais diz não deixar intervir suas preferências em nome do olho supra-histórico? Se tivesse tato para rejeitar o que é abjeto, ele denunciaria as violências dos começos e quando o seu espaço fosse estreito demais em seu mundo institucional, ele usaria a ironia mais sutil para solapar silenciosamente a história que, afinal, seria a hegemônica, para denunciar a violência, a fraude, o sangue derramado para erigir os monumentos da veneração histórica. Desse modo, talvez não fizesse História, mas histórias.

Samar-Kand, representante de um tipo de historiador apático e conivente, intenta cobrar alguns dólares pelo seu serviço que reclamaria o *status* de desinteressado e, estranhamente, oferece ao seu cliente uma genealogia que remonta a uma ascendência nobre. Jonas, o profeta bíblico, seria o primeiro ascendente identificado da linhagem dos Mendes. Trata-se de uma espécie de demagogia para conquistar aceitação e poder, afinal, ele precisa vender genealogias e histórias. Na fala de Samar-Kand sobressaem-se argumentos apelativos e que tentam, inutilmente, conceder-lhe autoridade:

–E trabalho genealógico não é fácil. No caso de sua família fui obrigado a consultar dezenas de obras de minha biblioteca que é vastíssima, única no gênero aqui no Estado – vale uma fortuna. Agora: subir e descer escadas, manipular livros empoeirados, isto mata qualquer um. Sem falar no esforço mental. Genealogia é coisa de detetive, sr. Rafael. Às vezes temos de partir de detalhes insignificantes: um brasão gravado em talheres, um quadro antigo, ou referências lendárias – a Árvore do Ouro, por exemplo. E depois, no caso de sua família, não era uma tarefa pequena. Não se tratava de nenhum arbusto genealógico, sr. Rafael, posso lhe garantir. (SCLIAR, 1983, p. 60)

Ao mesmo tempo em que Jonas se apresenta como um personagem nobre, um profeta o que talvez tornasse mais vendável a sua genealogia, outro texto mais sutil o envolve: Jonas é um tanto atrapalhado: mesmo o personagem como está descrito no texto bíblico parece uma paródia de si mesmo. Portanto, no âmbito da enunciação, as coisas se tornam mais complexas e desconfortáveis. Jonas é o personagem que teria sido escolhido, pelo próprio Deus para profetizar contra a corrupção da cidade de Nínive. Ora, ele rejeita a escolha divina. Está tranqüilo demais, não quer ser incomodado. O profeta foge para Társis, toma um navio e no meio da travessia é atirado ao mar e engolido por um grande peixe. Depois de orar dentro do ventre daquele monstro “Iahweh falou ao peixe, e este vomitou Jonas sobre a terra firme” (*BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 2002, p. 1632). Acontece que exatamente no ponto em que estaria o início da linhagem de Rafael, o ponto nobre e seguro de sua origem, portanto, encontra-se, também, a ambigüidade minando a solenidade e a certeza. Jonas arranca risos desconcertantes pela perplexidade de mostrar-se um profeta conformado demais, ou preguiçoso, ou covarde, que, de rejeitara os desígnios de Deus, aparentemente, em nome da vaidade, extremamente cotidiana entre os homens comuns, e por ter sido vomitado por um peixe. Essa narrativa tem ares de ironia e certo clima onírico, fantástico.

Outro detalhe sobre o velho, uma mistura de genealogista, historiador e farsante, que não pode passar em branco é o fato de que ele carrega o nome de Samar-Kand. Este é, como se sabe, o nome de uma das cidades que figura entre as mais antigas do mundo, hoje pertencente à República do Uzbequistão, localizada no Oriente – esse manancial cultural infinito de mistérios e fantasias que inspirou a arte e a ciência ocidentais por milênios:

A lendária cidade (...) famosa por sua monumental arquitetura composta por torres, cúpulas, mosaicos e minaretes, tornou-se símbolo mundial do Oriente místico. (...) Após ter pertencido ao Império Chinês, caiu sob o domínio dos

muçulmanos. Em 1220, foi transformada em ruínas pelo imperador mongol (...). Seu descendente, o poderoso Tamerlão (...), decidiu reconstruir Samarkand. Uma equipe de pedreiros, escultores, mosaicistas e ceramistas foi convocada para transformar o sonho em realidade. (Fonte: <http://www.soarquitectura.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2008)

Samar-Kand representa, portanto, ao mesmo tempo, esse historiador esmorecido e uma nova possibilidade, fantástica e jovial, contendo sonhos e desejos, pois é justamente através dele que Rafael Mendes recebe os dois cadernos, escritos por seu pai homônimo, em que se desenrolam as aventuras de seus ancestrais, numa dispersão incrível pelo espaço e pelo tempo: remontando a Jonas – há cerca de três milênios, passando pela Judéia, Nínive, Yaffo, Tarshish, Jericó –, aos seus descendentes, de Toledo em Sefarad (atual Espanha), Cairo, no continente africano, La Rábida, Córdoba, Lisboa, tabas indígenas, Olinda, Nova Amsterdã, até o Brasil do século XX. Como já foi dito, os episódios narrados pelo genealogista envolvendo os ascendentes de Rafael Mendes se desenvolvem no limiar entre o puramente ficcional e os fatos que a história oficial narra, mas, então, parodiados, revirados pelo humor, confrontados pelas arestas da ironia que, se não “implode”, ao menos desestabiliza a linguagem, lugar em que a história se assentaria de forma plena. Ora, conforme Hartman (citado por HUTCHEON, 2000, p. 26), a ironia verbal é “a linguagem acusando a si própria de mentir e mesmo assim apreciando o seu poder”.

Através dos cadernos que recebe do genealogista Samar-Kand, Rafael Mendes descobre sua ascendência judaica, fato que até então ignorava, mas cujo conhecimento é insuficiente para saciar sua curiosidade. Rafael Mendes devora os cadernos embora logo perceba que não encontrará o seu pai, não aplacará sua agonia nem descobrirá um segredo apaziguador. Pelo contrário, a genealogia com que tem contato não é aquela que poderia recolher em um ponto todo o segredo de sua origem. Sua narrativa genealógica é irônica, auto-irônica, contrária à idealização do ponto de origem como um passado utópico, limpo, liso e perfeito. O romance, segundo Bakhtin, tem como característica básica ser inacabado, remeter-se incessantemente ao presente de forma autocrítica e os cadernos escritos pelo pai de Rafael, sob a tutela de Samar-Kand, têm tais características. Se, ao modo da epopéia, a genealogia lida fatos históricos e fixa a história nacional em um passado absoluto, perfeito, “(...) o romance está ligado aos elementos eternamente vivos da palavra e do pensamento não-oficiais (...)”. (BAKHTIN, 1993, p. 411)

A genealogia em Scliar tampouco encontrará algo como a identidade judaica, ou sua “tradição espontânea” originada em um jardim bondoso e harmônico, em um passado absoluto, fora do mundo. Não se trata de apenas rechaçar a “tradição inventada”, conforme Hobsbawn (HOBSBAWN, 1984), para resgatar um passado de uma tradição que houvesse surgido sem violência e que se encontrasse ainda, nos confins do tempo, preservada em sua pureza. Mesmo os personagens ilustres que figuram na *Bíblia* são parodiados e, por isso mesmo, humanizados. O profeta Jonas, como já se mencionou, aparece como um tipo de libertino que se apaixona imediatamente pela mulher dentro do estômago do peixe gigante que o engolira: “ele corresponde às carícias da mulher e acaba por possuí-la ali mesmo, nas entranhas úmidas e pegajosas de um enorme peixe que se desloca a assombrosa velocidade nas profundezas do oceano” (SCLIAR, 1983, p. 72). O profeta fornicando com uma profetisa no estômago do grande peixe não é apenas um elemento derrisório nessa narrativa genealógica, é um detalhe estranhamente fundamental e, posto que à pesquisa da *Ursprung* se associam, quase que automaticamente, a solenidade e a pureza originária, constrange o estereótipo cristalizado de profeta, homem santo, do imaginário do leitor, arrancando-lhe risadas e desestabilizando-lhe as crenças. Como Bakhtin desenvolve em “Epos e romance”, o riso tem o poder de abalar a distância com que se idealizam as solenidades: “O riso tem o extraordinário poder de aproximar o objeto, ele o coloca na zona de contato direto, onde se pode apalpá-lo sem cerimônia por todos os lados, revirá-lo, virá-lo do avesso (...) e experimentá-lo à vontade” (BAKHTIN, 1993, p. 413).

Como o humor rejeita a lógica da pureza originária e da identidade, ao fim da leitura dos cadernos que contêm a narrativa genealógica, Rafael Mendes não terá para si o conforto da resolução de sua agonia, nem a satisfação das respostas. Ao recontar a história, dismantelando-a, Rafael Mendes, pai, e o genealogista recriam, num espaço estranho e irônico, a sua própria nação, que se dá pela e na linguagem, impossível de ser encontrada fora dos cadernos. Aí o pressuposto monolítico, sofrendo as forças erodentes do tempo e do acaso, fragmenta-se. A perplexidade dos personagens e a do leitor é estar diante de uma estranha nação: não mais a do espaço solene e utópico da *Ursprung*, mas a aquele onde emergem as violências, as farsas, as agonias. *A estranha nação de Rafael Mendes*, na medida em que traz essa tradição judaica consolidada como um elemento “estranho”, “outro de si mesmo” e “solitário”, encena com um passado que não é idealizado nem heróico, mas fissurado por elementos estranhos e pelo conflito, fruto, talvez, de delírios, construções do imaginário. Assim, a genealogia presente no romance de Scliar aproxima-se do que Bakhtin identifica como uma característica do romance enquanto gênero:

É característico que o passado heróico escolhido pelo autor não seja o nacional, mas o estrangeiro, o bárbaro. O mundo já havia desmoronado; aquele mundo monolítico e fechado (tal como era na epopéia [acrescente-se: tal como era na genealogia tradicional]) dera lugar a um mundo vasto e aberto, *ao mesmo tempo seu e dos outros*. (BAKHTIN, 1993, p. 418)

Por fim, a genealogia de Scliar, na sua afinidade com o método investigativo de Foucault, promove a “dissociação sistemática” da identidade, por exemplo, do personagem Rafael Mendes. Ela não lhe encontra e revela o segredo primeiro e derradeiro de sua origem; não lhe traz o pai perdido que pudesse oferecer colo à agonia perplexa de existir; nem lhe entrega o mapeamento de uma continuidade estável a partir da qual possa compreender-se definitivamente a si mesmo e a sua descendência. Antes, ela lhe mostra as muitas máscaras de antigos personagens que, como num teatro, talvez lhe possam servir num momento, jamais no outro e nunca como um rosto, num perfil, uma face esculpida:

E assim cai numa modorra; entre adormecido e acordado parece que estão todos ali ao redor da cama – Jonas e Habacuc, Maimônides, todos que se chamam Rafael Mendes. Olham-no em silêncio. De repente dá-se conta: todos têm a face que há pouco viu no espelho; todos são ele, ele é todos. (...) À falta de soluções, fantasias; à falta de respostas, imaginárias possibilidades. (SCLIAR, 1983, p. 249)

No âmbito do enunciado, há, portanto, uma genealogia que, por um lado se assemelha àquela tradicional, pois resgata nomes de ascendentes históricos do protagonista, Rafael Mendes, como se lhe fosse revelar o segredo da origem; no âmbito da enunciação, porém, e com a demanda da atividade do leitor, há a perplexidade, as emoções que a ironia desperta e excita, os efeitos que suas arestas provocam e que tornam essa genealogia ruída pelos panos rotos da tradição. O leitor deve perceber as ambigüidades que se instalam na narrativa do romance e, para isso, é fundamental aventurar-se por outros textos da cultura judaica, sobretudo, pela *Bíblia*. O romance *A estranha nação de Rafael Mendes* aponta para fora de si, para o estranho da história oficial, como um imenso manacial de *links* para referências ao estrangeiro. À contrapelo da História, cujo ideal é apagar as diferenças por uma única voz, vislumbra-se, nesse romance, uma “estranha nação”, tecida de letras, povoada de estranhos entes. Uma peculiaridade da ironia é o fato de ela deixar claro que um texto é sempre insuficiente para entender-se. É preciso sempre a suplementação de comentários, críticas, outros textos inexaurivelmente. A ironia, portanto, deveria desfazer a ilusão de que se possa ser verdadeira e estritamente formalista. Sem ignorar o texto que se lê, haverá sempre outros textos subjacentes, contextuais, sociais, emocionais que comporão o riso, uma rede de complexas relações, a paródia em

sua retomada subversiva. Os arcabouços culturais estão sempre presentes, em qualquer interpretação, mas a ironia demanda o exterior, o dentro e o fora do texto, alcançando o leitor e a cultura na qual está inscrito. É assim que o romance de Scliar inscreve-se e dialoga com a história: como uma demanda interna. O romance urge pelo leitor, pela sua atividade, pela suplementação, pela interpretação, uma outra, externa.

Assim, não sem ironia, os seus efeitos devem ser sentidos e a sua ressonância se dá na memória e no corpo, como uma emoção, como resposta imediata à leitura:

Ao final deste relato, havia uma nota do genealogista: O dr. Rafael Mendes [pai] não chegou à Espanha. Morreu à bordo do cargueiro em que viajava, vitimado, segundo o médico do navio, por uma misteriosa doença febril cujos pródomos se haviam declarado ainda em terra. Durante a sua enfermidade o dr. Rafael delirou muito, falando em coisas incompreensíveis para os circunstantes tais como: olhos de profeta, inquisição, caravelas, cabeça de Tiradentes. Teve um breve período de lucidez, durante o qual anunciou que morreria em breve; queria que seu corpo fosse atirado ao mar para que, *como Jonas* (segundo suas próprias palavras), pudesse atingir seu destino. De que destino tratava, não esclareceu. Tudo foi feito como ele solicitara; o cadáver enrolado na bandeira do Brasil, mergulhou nas águas do oceano enquanto dois tripulantes brasileiros cantavam o Hino Nacional – não todo, só a parte que conheciam (SCLIAR, 1983, p. 221).

O padrão de uma suposta tradição espontânea é, pois, impossível sem as lhanuras montanhosas, de camadas múltiplas e signos de uma tradição em que persistem como vestígios dissidentes à unificação do presente, um lugar de perplexidades, heterotópico, em que a linguagem se revela sobre uma lacuna devorando os textos. Rafael Mendes, portanto, apresenta-se em posição metonímica e ocupa, provisoriamente, tanto o lugar daquele que busca uma identidade judaica monolítica, quanto do leitor que, de alguma forma, se confronta com um texto que promete e dá todas as respostas. Ao contrário, a tradição judaica aparece através de vestígios, forjas, tornando-se, um ponto de fissura, não completa, mas só a parte que se conhece, ou que se constrói, ou que se imagina.

-----

\* **Glauber Pereira Quintão** é Filósofo, Mestrando em Letras na UFMG e Pesquisador do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Epos e Romance. In: *Questões de literatura e de estética*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1993. p. 297-428.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. Do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. GORGULHO, G. da S.; STORNILOLO, I.; ANDERSON, A. F. (Coord.). São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional/Paulus, 1985.
- BORGES, Jorge Luis. O escritor argentino e a tradição. In: *Obras completas de Jorge Luis Borges I*. São Paulo: Globo, 1998, p. 288-296.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. Infância e espacialização do bairro judeu nos romances *Bom Retiro*, de Eliezer Levin e *A Guerra no Bom Fim*, de Moacyr Scliar. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 26, n. 35, p. 97-105, 2006.

- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- CUNHA, Eneida Leal. O imaginário brasileiro entre a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. *Estampas do imaginário*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 83-120.
- DELEUZE, Gilles. O trágico. In: *Nietzsche e Filosofia*. Trad. Antônio M. Magalhães. Porto, 2001.
- ECO, Umberto. Antiporfírio. In: \_\_\_\_\_. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 316-341.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia, a História. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ditos e Escritos*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, vol. 2, p. 15-38.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória e Liberdade. In: *Walter Benjamin*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 7-19.
- GENEALOGIA. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOBBSBWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 1440.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *O nome e o sangue: uma fraude genealógica no Pernambuco colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MUECKE, D. C. *Ironia e o Irônico*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- NASCIMENTO, Lyslei de Souza. Genealogias judaicas na América Latina. In: MENDES, Eliana A. de M. & OLIVEIRA, Paula M. & BENN-IBLER, Veronika (Org.). *Revisitações*. Edição comemorativa 30 anos. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 1999, p. 281-289.
- NIETZSCHE, Friederich Wilhelm. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friederich Wilhelm. Verdade e mentira no sentido extra-moral. In: *Obras incompletas / Friedrich Nietzsche*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2000, p. 51-60.
- SAMARKAND. In: Só Arquitetura. Disponível em: [www.soarquitetura.com.br/template.asp?pk\\_id\\_area=21&pk\\_id\\_topico=353&pk\\_id\\_template=1](http://www.soarquitetura.com.br/template.asp?pk_id_area=21&pk_id_topico=353&pk_id_template=1)
- Acesso em 20 set. 2008.
- SCLIAR, Moacyr. *A estranha nação de Rafael Mendes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.
- SOUZA, Márcio & SCLIAR, Moacyr. *Entre Moisés e Macunaíma*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- WALDMAN, Berta. Mote e Glosas. Xingu, um bom retiro. In: *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 106-112.